

Entre afetos e mediações: a sociabilidade no clube de leitura Hogwarts, Mil Histórias¹

Victor Henrique da Silva Menezes²
Vanessa Coutinho Martins³

Between affections and mediations: the sociability in Hogwarts, Mil Histórias reading club

Entre afectos y mediaciones: sociabilidad en el club de lectura Hogwarts, Mil Histórias

Resumo

A partir das teorizações sobre mediação (Martín-Barbero, 2006), este artigo analisa as sociabilidades (Forsé, 1981; Rivière, 2004) no projeto *Hogwarts, Mil Histórias*, clube de leitura *online* desenvolvido durante a pandemia de Covid-19. Devido ao contexto de sua criação, interessa-nos a abordagem sobre o enfrentamento dos períodos de adversidade, abordados por Petit (2009). Por meio da metodologia de análise de conteúdo temática (Bardin, 1979), busca-se entender como as atividades deste clube contribuíram para o enfrentamento da situação pandêmica e quais foram os seus impactos na vida cotidiana dos participantes da pesquisa. Conclui-se que o clube contribuiu (de forma não exclusiva) para superar o momento de adversidade, afetando os participantes de distintas formas, além de atravessar atividades cotidianas e melhorar condições psicológicas.

Palavras-chave: *Clube de leitura; Harry Potter; Adversidade; Mediação; Estudos culturais.*

1 O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

2 Doutorando em Gerontologia pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Historiador e Mestre em História Cultural também pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Atua como instrutor no Programa UNIVERSIDADE da Unicamp. E-mail: henrique.menezes92@gmail.com

3 Doutoranda em Comunicação pelo PPGCOM/UFJF. É integrante do Grupo de pesquisa "Narrativas Midiáticas e Dialogias" (CNPq/UFJF) e do "Grupo de Estudos & Pesquisas em Educomunicação" (CNPq/UFJF). Bolsista de Pós-graduação (CAPES). E-mail: vanessacoutinhomartins@gmail.com

Abstract

Based on theories about mediation (Martín-Barbero, 2006), this article analyzes the sociabilities (Forsé, 1981; Rivière, 2004) in *Hogwarts, Mil Histórias*, an online reading club developed during the Covid-19 pandemic. Due to the context of its creation, we are interested in the approach to coping with periods of adversity (Petit, 2009). Through the thematic content analysis methodology (Bardin, 1979), the aim is to understand how the activities of the reading club contributed to coping with the pandemic situation and what were its impacts on the daily lives of the participants. It is concluded that it contributed (in a non-exclusive way) to overcoming the moment of adversity, affecting the participants in different ways, besides managing daily activities and improving psychological conditions.

Keywords: *Reading club; Harry Potter; Adversity; Mediation; Cultural studies.*

Resumen

Basado en teorías sobre la mediación (Martín-Barbero, 2006), este artículo analiza las sociabilidades (Forsé, 1981; Rivière, 2004) en *Hogwarts, Mil Histórias*, club de lectura *online* desarrollado durante la pandemia de Covid-19. Por el contexto de su creación, nos interesa el abordaje del afrontamiento de los periodos de adversidad (Petit, 2009). A través de la metodología de análisis de contenido temático (Bardin, 1979), se busca comprender cómo sus actividades contribuyeron al enfrentamiento de la situación de pandemia y cuáles fueron los impactos en el cotidiano de los participantes. Se concluye que contribuyó (de forma no exclusiva) a la superación del momento de adversidad, afectando a los participantes de diferentes formas, influyendo en las actividades diarias y mejorando las condiciones psicológicas.

Palabras clave: *Club de lectura; Harry Potter; Adversidad; Aediación; Estudios culturales.*

Introdução

Clubes de leitura, nas palavras do historiador brasileiro Dante Gallian (2017, p. 88), constituem espaços onde leitoras e leitores compartilham sensações, impressões e opiniões provocadas pela leitura de obras literárias. Operam como prática incentivadora da leitura, mas também como processos reflexivos, formativos, de construção de autoconhecimento e de afetividades. Enquanto atividades culturais, suas matrizes remetem aos grandes salões europeus no século XVIII. Com distintas formações, características e propósitos, essas organizações tinham como um de seus objetivos proporcionar atividades para a criação de laços e sociabilidades. Para Johns (1998, p. 554), os cafés, além dos salões, eram locais importantes para a produção, troca e avaliação de materiais impressos, bem como para a busca de conversas de todos os tipos. Nesses estabelecimentos, as fronteiras entre a ciência e a fofoca podiam se tornar notavelmente dissolvidas.

Com os avanços tecnológicos e processos convergentes, as ambiências nas quais esses grupos tomam forma modificaram-se, mas seguem sendo instrumentos de sociabilidade entre seus participantes, a partir de diversos contextos sociais, culturais e políticos. No mundo hodierno, tem se tornado cada vez mais comum, por exemplo, a organização de clubes do livro e de leitura no ambiente virtual. Neste cenário, o “estar presente” ocorre através das redes sociais digitais que, enquanto ambientes cognitivos e espaços de socialização, contribuem para as construções de relações afetivas entre os indivíduos (Sodré, 2006, p. 27).

Com tais pressupostos e diante de articulações advindas dos estudos culturais, focando no conceito de mediação (Martín-Barbero, 2006, p. 17), este artigo visa apresentar uma análise da sociabilidade em ambiente de clube de leitura *online* desenvolvido num período de adversidade: o da pandemia da Covid-19. O clube de leitura usado como estudo de caso é o *Hogwarts, Mil Histórias*, pro-

jeto *online* e gratuito concebido e aplicado pelos autores do artigo. O objetivo principal de sua criação foi o enfrentamento das atribulações causadas pelo isolamento social e o proporcionamento de sociabilidades e afetividades em rede por meio da leitura literária. Além disso, o entendimento dos distintos aspectos relacionados às interações sociais, a partir da literatura, durante períodos de adversidade constituíram questões de interesse.

Cabe destacar que os debates aqui apresentados partem de uma discussão ampla sobre leitores em ambientes em rede realizada no âmbito do projeto *Análise da afetividade e competência midiática de leitores em clube de leitura remoto*, submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa CEP/UFJF⁴. Este recorte específico tem como objetivo entender os modos de interação entre os sujeitos na ambiência digital em contextos de adversidade a partir da leitura de obras literárias. O material analisado ao final do artigo foi coletado por meio do método de grupos de discussão (Weller, 2010, p. 54-66). Participaram dos grupos, de forma voluntária, quatorze dos integrantes da primeira temporada do *Hogwarts, Mil Histórias*. Utilizando a metodologia de análise de conteúdo temática (Bardin, 1979), busca-se, ao fim, entender como as atividades do clube de leitura em questão contribuíram (ou não) para o enfrentamento da situação pandêmica e quais foram os seus impactos na vida cotidiana dos participantes da pesquisa.

Adversidade, sociabilidade e o ato da leitura - do presencial ao virtual

Gardner (2022, p. 30), ao analisar as práticas de leitura durante a Guerra de Secessão (1861 a 1865), argumenta que uma das estratégias dos soldados

⁴ Parte da bibliografia utilizada ao longo do artigo foi coletada durante o período de doutorado sanduíche de Vanessa Martins, financiado pela CAPES (PDSE - nº. 10/2022), na *University of Toronto* com vínculo estabelecido no *Book and Media Studies program da St. Michael's College*. Com isso, além de fazer uso de referências bibliográficas utilizadas no programa em questão, ocorreu a internacionalização da ciência brasileira, na medida em que comunicações orais sobre o projeto, bem como as pesquisas correlatas em desenvolvimento, ocorreram em ambientes acadêmicos no exterior.

separados pelos conflitos era manter conversas epistolares sobre livros. A atividade de leitura era realizada por inúmeras razões, mas, segundo Gardner, permitia aproximações a partir da leitura compartilhada; uma prática comum nos Estados Unidos anterior à guerra. A leitura seria, dessa forma, uma estratégia para mitigar os efeitos da guerra e manter laços:

A guerra estremeceu os laços de afeição. A separação de amigos e familiares, o tédio da vida no acampamento e os efeitos destrutivos do combate ameaçavam a continuidade da sociabilidade. A leitura, acreditavam seus defensores, fornecia um antídoto, pois lembrava aos leitores que eles não estavam sozinhos (Gardner, 2022, p. 30, tradução nossa⁵).

Assim, pequenas bibliotecas de empréstimo foram construídas pelo exército americano com apoio da *United States Christian Commission* (USCC). Os benefícios apontados por alguns soldados incluíam aumento da correspondência entre amigos e familiares, diminuição de conduta turbulenta e rude, e melhoria em condições mentais e morais. Essa atividade, todavia, não curou os males que acompanhavam a guerra. No entanto, forneceu descanso a inúmeros soldados e civis à procura de maneiras de falar com entes distantes e que buscavam um significado entre a carnificina. A partir desse levantamento histórico proporcionado por Gardner (2022), entendemos as atividades de troca de cartas e de interações entre os soldados, seus amigos e familiares como uma espécie de sociedade literária.

Em outra conjuntura, Azar Nafisi apresenta em seu livro *Lendo Lolita em Teerã: Memórias de uma resistência literária* (2003), suas memórias sobre o ensino da literatura ocidental no Irã. A autora relata suas experiências como professora universitária e como professora de sete mulheres que secretamente se reuniam em sua casa, uma vez por semana, para ler e discutir clássicos da literatura proibida, tais como: *Orgulho e Preconceito* (1813), de Jane Austen; *Madame Bovary* (1856), de Gustave Flaubert; *Lolita* (1955), de Vladimir Na-

⁵ No original: “The war had strained bonds of affection. Separation from friends and family, the tedium of camp life, and the destructive effects of combat threatened sociability’s continuance. Reading, its advocates believed, provided an antidote, for it reminded readers that they were not alone.”

bokov; e outras obras clássicas censuradas no país. A partir desses encontros, as jovens desenvolveram vínculos no processo de sociabilidade durante o entendimento dos conflitos entre Irã e Iraque e o funcionamento do regime islâmico.

Carole Anne Rivière (2004, p. 210) define o termo “sociabilidade” como o conjunto de relações que os indivíduos mantêm uns com os outros. Em sua argumentação, considera, ao mesmo tempo, as particularidades do sujeito, o contexto ao qual estão inseridos e as estruturas sociais. Michel Forsé (1981, p. 39), por sua vez, classifica o ato de sociabilidade em diferentes níveis, entendendo-o como o conjunto de relações que as pessoas mantêm em agrupamentos como associações, conversas com vizinhos e outras atividades corriqueiras. Neste artigo, entendemos a sociabilidade como algo que pode ser estimulado, sendo consequência de interações entre sujeitos com intenção de manter vínculos sociais, seja qual for o motivo.

Muitos são os exemplos associados à relação entre leitores e narrativas para o enfrentamento de situações turbulentas. Porém, a leitura compartilhada nem sempre foi um ato encorajado para o exercício da sociabilidade. Como o livro era um bem escasso e caro para aquisição, clubes de leitura e agrupamentos literários, a princípio, formavam-se em maior número a partir de bibliotecas de empréstimo. Quando essas bibliotecas, na metade do século XIX no mundo anglófono, expandiram-se, entraram em voga questões relacionadas ao compartilhamento de livros físicos.

Price (2019, p.145) afirma que, nesse período, bibliotecárias concordavam que o ato representava o agrupamento de ideias e afetos, mas discordavam se isso era algo saudável. A questão era que havia o medo da classe média contrair germes dos leitores de classes sociais menos favorecidas. Em 1890, a título de exemplo, uma bibliotecária criou o “*book disinfector*”, uma espécie de câmara de gás para desinfetar livros. Como piscinas comunitárias, “as bibliotecas públicas continuaram a formar um campo de teste para esperanças e medos

sobre a conexão entre indivíduos” (Price, 2019, p. 146, tradução nossa⁶). O pavor de contrair germes e vírus pelo manuseio de obras literárias, contudo, perdurou por até meados da década de 1990. Bibliotecárias até mesmo recusaram-se a manusear livros que passaram nas mãos de pessoas que viviam com HIV. Livros que tinham grande circulação entre leitores tornaram-se um alerta relacionado a homens gays suspeitos de promiscuidade.

Com a recente pandemia, a história repetiu-se, mas em outras configurações e contextos. Ao contrário do HIV, o vírus causador da Covid-19, o Sars-Cov-2, se propaga por meio de gotículas de secreção do nariz e/ou da boca. Assim, no período inicial da pandemia, divulgou-se que sua transmissão poderia ocorrer a partir do contato com objetos que estivessem contaminados pelo depósito, em suas superfícies, desses materiais biológicos expelidos (Araújo *et al.*, 2020, p. 1). A crença no risco de contaminação por objetos compartilhados desencadeou, por sua vez, uma série de atividades e protocolos para que a sociedade pudesse estabelecer interações de forma segura.

Dessa forma, para confrontar a situação e manter um sentimento de continuidade, algumas bibliotecas funcionaram, por certo período, através de esquemas de empréstimos seguindo procedimentos sanitários. Ainda, o debate das diversas obras ocorreu majoritariamente na ambiência digital, a partir de *lives* literárias, discussões entre autores e especialistas, e clubes de leitura como forma de entretenimento e manutenção de laços e distintos afetos nas plataformas midiáticas. Essas formações a partir da literatura funcionaram, ainda, como processos de construção social e entendimento do momento que estava sendo vivenciado.

O conceito de afetividade nesta produção científica, cabe destacar, toma como base os apontamentos de Wallon (1954, p. 293) no entendimento de que não há, apenas, uma simples ligação com os sentimentos de amor e carinho. Para

⁶ No original: “[...] Like public swimming pools, public libraries continued to form a testing ground for hopes and fears about civic connection”.

o autor, o termo se refere à capacidade do ser humano de ser afetado positiva ou negativamente dentro de um determinado contexto. Assim, há uma estreita ligação com estímulos e aprendizagens, que, no contexto analisado, é interpolado por debates de narrativas ficcionais.

A associação entre o enfrentamento de situações de adversidade e a utilização de narrativas já foi abordado por Petit (2009, p. 21). Segundo a antropóloga, está imbricado no ser humano a utilização de histórias em situações de vulnerabilidade, havendo conexões entre momentos de crises e a utilização de narrativas. Para a autora, em situações de depressão coletiva, esse recurso proporciona conforto.

Segundo Walter J. Ong (1998, p. 25), as narrativas são uma simplificação da complexidade da realidade experienciada pelos seres humanos; elas proporcionam práticas de transmissão e compartilhamento de experiências entre os indivíduos. Nesse sentido, a sociabilidade que os textos, em especial os ficcionais, evocam, favorecem o compartilhamento de experiências comuns e referenciais compartilháveis (Costa, 2001, p. 37).

Mediações comunicativas em sistemas de formações literárias

A partir da utilização de distintos artefatos midiáticos, sistemas de virtualização cultural ocorrem. É importante destacar, porém, que esses processos não foram criados a partir da pandemia, mas, sim, intensificados. Esses agrupamentos sociais atravessados pela mídia configuram-se, dessa forma, como expressões dessa virtualização social, ou uma “mídiatização da cultura e da sociedade”, como teorizado por Stig Hjarvard (2014, p. 15).

A compreensão dessa conjuntura é atrelada ao chamado *bios* midiático, proposto por Muniz Sodré (2002, p. 21). O termo, para o autor, tem ligação com a vivência e a sociabilidade na cidade, configurando relações cotidianas, não

tendo, no contexto empregado, associação direta com o que é biológico, mas sim, com questões culturais e sociais. Partindo do conceito de *bios*, enquadrado em três esferas por Aristóteles, o autor propõe a mídia como um quarto *bios*.

A definição de Aristóteles é constituída pelo *bios theoretikos* ou *bios xénicos* é atrelado à vida contemplativa; o *bios apolausticós*, atrelado à dedicação ao prazer; e o *bios politikos*, referente a uma vida qualificada pelo agir político. O conceito de *bios* midiático é descrito por Sodré (2002, p. 21) como um tipo de formação social em que os dispositivos midiáticos não seriam apenas transmissores de informação, mas uma outra ambiência. É necessário, porém, diferenciar o conceito de midiatização do conceito de mediação.

A mediação se refere à “ação de fazer ponte ou fazer comunicarem-se duas partes” (Sodré, 2002, p. 21), já a midiatização é definida pelo autor como “uma ordem de mediações socialmente realizadas no sentido da comunicação entendida como processo informacional” (Sodré, 2002, p. 21). O conceito de mediação também abarca questões relativas a interações sociais, que podem (ou não) ser por intermédio da mídia. Em outras palavras, procedimentos mediados pressupõem uma intercalação com outros sujeitos, enquanto a midiatização sugere que ocorra uma interpelação direta da mídia, ou seja, indo além de dimensões técnicas:

[...] na mediação uma imagem é algo que se interpõe entre o indivíduo e o mundo para construir o conhecimento; na midiatização, desaparece a ontologia substancialista dessa correlação, e o indivíduo (ou o mundo) é descrito, ele próprio como uma imagem gerida por um código tecnológico (Sodré, 2002, p. 108).

Nos termos desta produção científica, pensamos o ser humano como ser social. O enquadramento epistemológico deste artigo abarca práticas sociais e as relações culturais que envolvem tensões, conflitos e resoluções entre os sujeitos. Esses confrontos estão presentes na conjuntura de mediações socio-culturais, que integram as experiências cotidianas na relação entre os receptores em espaços coletivos.

Como mencionado anteriormente, este trabalho ancora-se nos estudos culturais. A cultura, nessa perspectiva, é entendida como “algo mais amplo que seu sentido tradicional, ligado à erudição. Os Estudos Culturais se voltam, em especial, à cultura popular, vista como campo de conflitos e de resistências, vista como ‘formas de luta’” (Barros, 2012, p. 10).

Assim, fazendo uso das teorizações sobre mediação de Martín-Barbero (2006, p. 17), traz-se à tona uma organização mediadora com fundamentações relevantes para a análise do objeto de estudo em questão. O autor, ao descrever a *Bibliothèque Bleue*, afirma que o início dessa literatura ocorreu no início do século XVII. A família Oudot, que se dedicava às atividades de edição de impressos, publicava folhetos produzidos em um papel grosso e granulado, recobertos por uma folha de cor azul, dando o nome a esse tipo de literatura: *Bibliothèque Bleue*.

O editor aproveita os caracteres das letras já muito gastas e põe os próprios tipógrafos e demais operários da imprensa a resumir e reescrever romances, contos de fadas, vidas de santos, receitas médicas, calendários etc. Quer dizer, o editor utiliza os trabalhadores da imprensa como mediadores para selecionar tradições orais e adaptar textos que vêm da tradição culta (Martín-Barbero, 2006, p. 146).

Segundo Martín-Barbero (2006, p. 147), os impressos da *Bibliothèque Bleue* vão ao encontro de seus leitores, misturando-os com situações cotidianas. Dessa forma, entende-se que as temáticas escolhidas para debates nos encontros de clubes de leitura também são como mediadores socioculturais para a produção de sentido, a partir de apropriações vivenciadas pelos sujeitos em interação com seus pares. Além disso, a leitura para Martín-Barbero (2006, p. 179), por si só, constitui-se como um espaço de mediação. Lopes (2018, p. 68), se aproximando do entendimento de Martín-Barbero, ressalta a importância da mediação, posto que a comunicação está mediando nossas formas de vida no cerne da sociedade.

O clube de leitura *Hogwarts, Mil Histórias*, que será descrito a seguir, fez uso não apenas de temáticas inseridas nas narrativas debatidas, mas apropriou-se das mensagens propagadas pelos mais distintos meios, como *podcasts*, telejornais e conteúdos televisivos em geral, *blogs*, videogames, vídeos hospedados no

YouTube e conteúdos diversos nas distintas redes sociais digitais. Em paralelo com questões presentes nas obras, a condução dos debates seguiu um viés específico para proporcionar não apenas um vínculo temático das narrativas com o cotidiano dos participantes, mas de modo a estimular uma reflexão crítica sobre os relacionamentos dos leitores com os meios presentes em nosso cotidiano. Tal abordagem segue a conjuntura articulada por Martín-Barbero (2000), em que é debatida a relevância do entendimento dessas relações dos sujeitos com os meios. A mediação seria, então, um ambiente de “crenças, costumes, sonhos, medos, tudo o que configura a cultura cotidiana” (Martín-Barbero, 2000, p. 154).

Cabe salientar que o intuito deste artigo não é apresentar um estudo de recepção, já que seu foco não é discutir os efeitos e impactos dos meios de comunicação na audiência, mas sim, como já mencionado, entender como as atividades do *Hogwarts, Mil Histórias* contribuíram (ou não) para o enfrentamento da pandemia, bem como as implicações que suas atividades tiveram na vida cotidiana dos participantes da pesquisa. Os meios e suas mensagens fazem parte da proposta metodológica do clube, que leva em conta, ainda, as narrativas literárias e o paralelo com atividades e experiências cotidianas.

O projeto Hogwarts, Mil Histórias

O *Hogwarts, Mil Histórias* é um projeto em caráter de clube de leitura, totalmente *online* e gratuito, criado pelos autores deste artigo durante a pandemia da Covid-19. Sua primeira temporada ocorreu entre os meses de abril de 2021 e fevereiro de 2022. Dentre os objetivos de sua criação estava o interesse em estabelecer, por meio do desenvolvimento de sociabilidades e afetividade em rede, a partir da leitura literária, uma possível forma de enfrentamento das atribuições causadas pelo isolamento social. Outro ponto que motivou sua criação foi o interesse dos autores na perspectiva de entender distintos aspectos relacionados às interações sociais a partir da literatura durante períodos de adversidade – perspectivas essas relacionadas aos estudos de doutoramento de ambos os pesquisadores.

As obras escolhidas para serem lidas e debatidas, ao longo do projeto, foram as escritas pela escritora britânica J. K. Rowling⁷, a saber: os sete romances de *Harry Potter* (1997-2007), o roteiro da peça teatral *Harry Potter e a Criança Amaldiçoada*⁸ (2016) e os roteiros dos dois primeiros filmes de *Animais Fantásticos* (2016 e 2018). Todas elas, obras que são englobadas no chamado *Wizarding World*⁹.

A decisão em trabalhar com tais obras foi motivada por três fatores: primeiro, devido ao fato dos livros de *Harry Potter* já estarem inseridos nas pesquisas acadêmicas desenvolvidas por ambos os criadores do projeto, o que significa que estes possuíam conhecimentos prévios acerca das possibilidades de discuti-los em um clube de leitura; segundo, por estudos científicos recentes, desenvolvidos tanto em âmbito internacional quanto nacional, terem apontado as potencialidades da leitura dos livros de *Harry Potter* para a formação de leitores críticos (Francisco, 2019), as transformações de visões de mundo dos leitores (Vezzali *et al.*, 2015) e a criação de laços de amizade, de afetividade, de pertencimento e de identidade entre leitores (Florêncio, 2018; Francisco, 2019; Leão, 2019); e terceiro, em razão da popularidade das obras de Rowling

7 Como apontado pela pesquisadora Beth Sutton-Ramspeck, docente da Ohio State University, no prefácio de seu livro *Harry Potter and Resistance* (2023), todo estudo relacionado aos livros de *Harry Potter* que seja desenvolvido atualmente precisa “confrontar o hipogrifo na sala”. Isto é, se posicionar em relação às colocações de cunho transfóbico que a autora J. K. Rowling têm difundido desde dezembro de 2019. Dessa forma, torna-se necessário pontuar que os autores deste artigo não compartilham das ideologias do Feminismo Radical Trans-Excludente com as quais a autora britânica têm dialogado. Do mesmo modo, discordam das posturas políticas que ela têm tido em relação aos projetos que buscam a melhoria da qualidade de vida da comunidade Trans (termo que contempla transexuais, travestis, mulheres transgêneras, homens transgêneros, transmasculines e pessoas não binárias) no Reino Unido. Este posicionamento dos autores foi compartilhado com os participantes do *Hogwarts, Mil Histórias* desde o início do projeto. A escolha por trabalhar com as obras do *Wizarding World* no clube, cabe ainda destacar, foi atravessada pelo entendimento de que elas não replicam os atuais preconceitos de sua autora. Ainda que a cis-heteronormatividade impere de forma evidente em suas narrativas, em nenhuma delas há a presença de discursos transfóbicos ou quaisquer tipos de mensagens que venham a ferir o direito de ser e de viver da comunidade (o que já não acontece, no entanto, com os livros da série policial *Cormoran Strike* que Rowling tem publicado sob o pseudônimo de Robert Galbraith, desde o ano de 2013).

8 A escrita desta obra, em particular, resultou da colaboração de Rowling com o roteirista Jack Thorne e o diretor de teatro John Tiffany. Todos os demais títulos mencionados são apenas de autoria de J. K. Rowling.

9 *Wizarding World* é um termo guarda-chuva e, também, uma marca transmidiática. Enquanto termo, engloba todas as histórias ambientadas no mundo de fantasia apresentado, pela primeira vez, pela autora J. K. Rowling no romance *Harry Potter e a Pedra Filosofal* (1997). Isso inclui: os sete livros de *Harry Potter*; contos escritos por Rowling e publicados no site *Wizarding World* (antigo Pottermore); os oito filmes de *Harry Potter*; os três filmes de *Animais Fantásticos*; a peça teatral *Harry Potter e a Criança Amaldiçoada*; e o jogo *Hogwarts Legacy*. Já enquanto marca transmidiática, atualmente sob o controle da empresa Warner Bros. Discovery, se refere ao jogo e filmes citados anteriormente, bem como a parques de diversão e produtos oficiais de *Harry Potter*.

frente aos leitores das mais diferentes faixas etárias¹⁰ – o que, no entendimento dos criadores do projeto, possibilitaria que um maior número de pessoas se interessassem em participar do *Hogwarts, Mil Histórias*.

O nome do clube foi criado tendo como inspiração o título de um livro que é sempre mencionado pela personagem Hermione Granger ao longo da saga: *Hogwarts, uma História*. Sua escolha faz uma alusão ao mundo de fantasia criado por Rowling ao passo que parte do entendimento de que todas as obras literárias, teatrais e filmicas propiciam múltiplas e igualmente válidas interpretações (justificadas a partir da substituição do substantivo *uma* pelo numeral *mil*). *Hogwarts*, por sua vez, é o nome da escola de magia onde os personagens bruxos do mundo de *Harry Potter* estudam. Ao utilizá-lo como parte do título, os idealizadores tinham em mente sugerir aos participantes que o projeto poderia se tornar um espaço de acolhimento e criação de laços sociais, tal como a escola fictícia se apresenta para os personagens centrais das obras que seriam lidas e discutidas.

Durante o período de divulgação do projeto, o terceiro fator que motivou a escolha das obras do *Wizarding World* se comprovou acertado e, 731 pessoas, de todas as regiões do Brasil, realizaram suas inscrições. Devido à inviabilidade de gerenciamento e interações de um grupo tão extenso, apenas os 200 primeiros inscritos foram selecionados para a primeira temporada. A faixa etária destes leitores foi dos 11 anos de idade, com acompanhamento de um responsável, aos 65 anos de idade. A partir das respostas de um questionário semiaberto preenchido pelos interessados no ato de inscrição, constatou-se que o nível de escolaridade predominante era o de Ensino Superior comple-

10 De acordo com dados disponibilizados em fevereiro de 2023 pela Scholastic (editora estadunidense responsável pela publicação dos livros de *Harry Potter* nos EUA), já foram vendidas mais de 600 milhões de cópias dos livros de *Harry Potter* em todo o globo. Em artigo publicado em 2017 na revista *Mundo estranho*, Gisele Hirata informava que, até aquele momento, mais de 4 milhões de cópias do livro tinham sido vendidas apenas no Brasil. Já em matéria publicada em julho de 2021 na *Folha de S. Paulo*, o jornalista Pedro Martins noticiou que, apesar das falas de cunho transfóbico de J. K. Rowling, os livros de *Harry Potter* foram os mais vendidos no país em 2020 (quase meio milhão de livros). Dentre os números apontados por Martins, chama a atenção o fato de que, no primeiro ano da pandemia da Covid-19, houve um aumento de 59% na compra de livros da autora britânica em território brasileiro.

to (30,6%), seguido por Ensino Superior incompleto (21,1%) e pós-graduação *lato sensu* (13,1%). Em relação à etnia, 61,4% dos leitores se autodeclararam brancos; 24,2% pardos; 10% negros; 3,7% preferiram não declarar; e 0,7% amarelos. A respeito do gênero, 82,3% se autodeclararam do gênero feminino; 16,3% do gênero masculino; 0,7% não binário; 0,4% preferiram não declarar; e 0,3% *gender fluid*. Os motivos que incentivaram os leitores a se inscreverem no clube são variados e serão abordados e analisados neste artigo a partir das falas dos quatorze participantes voluntários da pesquisa, conforme apresentado no próximo tópico.

Entende-se que o perfil dos integrantes do clube refletiu o de seguidores dos canais nos quais ele foi divulgado. A Editora Rocco, responsável pela publicação dos livros de *Harry Potter* no Brasil, se interessou pelo projeto e, além de enviar mensalmente livros para sorteio entre os participantes, divulgou em suas redes sociais o *link* de acesso ao formulário de inscrições. O Potterish (potterish.com), maior portal da América Latina dedicado aos livros e filmes da saga, divulgou em seu *site* uma matéria sobre o clube, também com *link* para inscrição, além de divulgação em suas redes sociais. Ainda, anúncios patrocinados na plataforma *Instagram* foram disponibilizados pelos mediadores. Logo, mesmo a saga sendo mundialmente conhecida e lida pelos mais diversos perfis de leitores, a predominância de participantes mulheres brancas com Ensino Superior completo reflete as características dos seguidores de canais relacionados à temática, e não um perfil de leitores predeterminado pelos mediadores do clube. Outro fator determinante é o algoritmo do *Instagram*, para aqueles que se inscreveram a partir do anúncio, já que esse recurso parte do princípio de interações e buscas de conteúdos relacionados à temática dos *posts* patrocinados.

Os criadores do projeto desenvolveram uma metodologia própria para o clube, que levou em conta não apenas a ambiência digital, mas a quantidade de participantes envolvidos no processo. Os encontros seguiram a estrutura de

debate livro a livro. Ou seja, todo mês um livro era o foco da discussão sem a seleção de capítulos específicos. Ao longo de pouco mais de três horas, quatro tópicos de discussão, desenvolvidos pelos mediadores com o intuito de instigar o debate dos participantes, foram discutidos via *Google Meet*. Além disso, todos os integrantes eram membros do grupo do clube no *Telegram*, aplicativo de mensagens síncronas similar ao *WhatsApp*. Dessa forma, uma semana antes dos encontros ao vivo, três distintos tópicos relacionados às temáticas do livro do mês eram postados no grupo como uma forma de aquecimento para o encontro e, ao mesmo tempo, instigar a interação e a sociabilidade entre os leitores. No total, sete tópicos por livro foram selecionados e trabalhados como motivadores de discussões.

Todos os sete romances discutidos no clube de leitura foram adaptados, pela Warner Bros., para o formato de filme. Para que os leitores não assistissem apenas as suas respectivas adaptações fílmicas antes dos encontros, a distribuição dos livros enviados pela Editora Rocco foi a partir de atividade gamificada. Ao final de cada encontro, os participantes eram convidados a responder um *quiz online* e ao vivo, com perguntas exclusivas dos livros, já que as obras fílmicas não abordam todo o contexto da história e apresentam algumas distinções da narrativa original dos romances. A atividade funcionou como mais uma ferramenta para interação e sociabilidade entre os leitores na ambiência digital.

Com o intuito de fazer com que aqueles que não foram selecionados para a primeira temporada do clube tomassem conhecimento do conteúdo dos debates, um *podcast* derivado do clube de leitura e de título homônimo foi criado e hospedado na plataforma *Spotify*. Assim, após cada encontro, três dos sete tópicos de discussões elaborados para o livro do mês eram selecionados pelos mediadores para serem debatidos no episódio, tendo como parâmetro o índice de interesse e engajamento durante os debates *online*. Apresentado pelos mediadores, os episódios contaram com a presença de três participantes do clube escolhidos dentre aqueles que tiveram participações ativas tanto no

Telegram quanto no encontro do *Google Meet*. Para que mais participantes ajudassem na construção coletiva de conhecimento, os integrantes do clube que não participavam do episódio como convidados tinham a opção de enviar uma mensagem de voz, com alguma pergunta ou comentário sobre um tema relacionado ao livro debatido, para que pudesse ser discutido durante o *podcast* pelos participantes do episódio. O áudio enviado era inserido na edição final, junto às discussões.

Feita a apresentação do projeto *Hogwarts, Mil Histórias*, expõe-se, a seguir, a metodologia e a análise dos dados coletados, que partem de princípios culturais que consideram crenças, costumes, relatos de vida, narrações, consumos midiáticos, dentre outras atividades cotidianas que circundam a participação dos participantes da pesquisa no clube de leitura em questão.

Metodologia de coleta e de análise de dados

A presente pesquisa configura-se como uma produção de caráter qualitativo. Com isso, a fim de acessar as práticas sociais e as sensações dos participantes do estudo, optou-se pela utilização de grupos de discussão para a coleta de dados. Tal metodologia, indicada para coleta entre pessoas que se conhecem previamente e que já possuem algum laço, “não se orienta por uma amostra representativa em termos estatísticos, mas pela construção de um *corpus* com base no conhecimento e na experiência dos entrevistados” (Weller, 2010, p. 59). Sendo assim, no último encontro da primeira temporada do *Hogwarts, Mil História*, os autores deste artigo convidaram os integrantes do clube a participarem, de forma voluntária, da pesquisa. Quatorze pessoas se voluntariaram e a essas foi oferecida a escolha de participarem do grupo de discussão 1 ou do grupo 2 (sendo que a diferença entre eles era apenas a data em que ocorreria a reunião). A conversa com cada um dos grupos contou com duas horas de duração e ocorreu, via *Google Meet*, nos dias 24 e 25 de fevereiro de 2022.

Conforme apresentado no quadro 1, no momento da coleta de dados, os participantes da pesquisa possuíam idades que variavam entre 22 a 57 anos, sendo a maior concentração entre 22 e 39 anos. Além disso, onze participantes se autodeclararam do gênero feminino e três, do masculino. Com relação à escolaridade, sete participantes afirmaram possuir Ensino Superior completo, três informaram possuir Pós-Graduação *stricto sensu*, dois informaram ter Pós-Graduação *lato sensu*, um informou possuir Ensino Superior incompleto e um, o Ensino Médio completo. A respeito da etnia, nove se autodeclararam brancos, quatro se autodeclararam pardos e um se autodeclarou preto. De modo a preservar suas identidades, seus nomes foram substituídos por letras de A a N junto do número de seu respectivo grupo de discussão.

Quadro 1 – Perfil demográfico dos participantes da pesquisa.

Grupo	Nome	Idade	Gênero	Etnia	Escolaridade
1	A1	26 anos	Feminino	Branca	Ensino Superior completo
1	B1	22 anos	Masculino	Branca	Ensino Superior incompleto
1	C1	32 anos	Masculino	Parda	Pós-Graduação lato sensu
1	D1	57 anos	Feminino	Branca	Pós-Graduação lato sensu
1	E1	37 anos	Feminino	Branca	Ensino Superior completo
1	F1	20 anos	Feminino	Parda	Ensino Médio completo
2	G2	51 anos	Feminino	Parda	Ensino Superior completo
2	H2	27 anos	Feminino	Branca	Ensino Superior completo
2	I2	39 anos	Feminino	Branca	Ensino Superior completo
2	J2	38 anos	Feminino	Branca	Mestrado
2	K2	34 anos	Feminino	Branca	Doutorado
2	L2	27 anos	Masculino	Preta	Ensino Superior completo
2	M2	30 anos	Feminino	Branca	Ensino Superior completo
2	N2	28 anos	Feminino	Parda	Mestrado

Fonte: elaborado pelos autores (2022).

Seguindo os critérios estabelecidos pelo Comitê de Ética, os participantes foram informados dos objetivos da pesquisa, bem como das condições de participação. Assim, após a anuência, o processo foi iniciado. As perguntas feitas eram abertas e dirigidas ao grupo como um todo uma vez que, como explica Minayo (2016, p. 59), esse formato possibilita que os entrevistados falem livremente e com maior profundidade acerca dos temas propostos para a conversa. Os tópicos selecionados previamente pelos pesquisadores e levados para discussão em ambos os grupos foram os seguintes:

- A) Motivos que incentivaram os leitores a se inscreverem no *Hogwarts, Mil Histórias*;
- B) A experiência de participar do *Hogwarts, Mil Histórias*;
- C) Mudanças na forma de ver a Literatura, como um todo, e *Harry Potter*, em particular, após a participação no *Hogwarts, Mil Histórias*;
- D) Os significados atribuídos à participação em um clube de leitura durante a pandemia da Covid-19;
- E) Mudanças no hábito de leitura durante a pandemia da Covid-19.

Tendo em mente os recortes deste artigo, levou-se em consideração para a análise apenas as discussões concernentes aos tópicos A, B e D. O instrumento de registro utilizado foi a gravação, através de recurso disponibilizado na própria plataforma do *Google Meet*, e a transcrição integral das falas dos participantes voluntários.

A metodologia escolhida para a análise de dados foi a análise de conteúdo, na modalidade temática. Em resumo, é um método que consiste “em descobrir os ‘núcleos de sentido’ que compõem a comunicação e cuja presença ou frequência de aparição pode significar alguma coisa para o objetivo analítico escolhido” (Bardin, 1979, p. 105). À luz das propostas metodológicas indicadas nos trabalhos de Bardin (1979), Bauer (2008) e Gomes (2016), foram, então, identificados os núcleos de sentido presentes nas falas transcritas dos participantes da pesquisa. Em seguida, os núcleos foram agrupados e categorizados em temas norteadores para a discussão dos resultados (Quadro 2):

Quadro 2 – Temas elencados pelos participantes da pesquisa.

Tópicos de discussão	Temas identificados
A) Motivos que incentivaram os leitores a se inscreverem no <i>Hogwarts, Mil Histórias</i>	1. Afetividades 2. Sociabilidades 3. Interesses profissionais 4. Participação em atividade literária 5. Retomada do hábito da leitura 6. Abordagem trabalhada
B) A experiência de participar do <i>Hogwarts, Mil Histórias</i>	1. Auxílio psicológico em um momento de pandemia 2. Empoderamento na tomada de atitudes no âmbito pessoal e/ou profissional 3. Incentivo ao hábito da leitura
D) Os significados atribuídos à participação em um clube de leitura durante a pandemia da Covid-19	1. Refúgio 2. Pertencimento 3. Sociabilidades

Fonte: elaborado pelos autores (2023).

Estes doze temas, selecionados ao fim do processo de classificação dos dados, proporcionaram a interpretação das mensagens articuladas pelos participantes da pesquisa e facilitaram a compreensão de seus significados, indo além de uma leitura superficial do material. Por fim, cabe apontar que, em termos de fundamentação teórica, a análise teve como base os conceitos de adversidade (Petit, 2009), sociabilidade (Forsé, 1981; Rivière, 2004) e afetividade (Wallon, 1954), já trabalhados ao longo deste artigo.

Apresentação e discussão dos resultados

Com o intuito de compreender como as atividades do *Hogwarts, Mil Histórias* contribuíram (ou não) para o enfrentamento da situação pandêmica e quais foram os seus impactos na vida cotidiana dos participantes da pesquisa, analisou-se as falas que versavam sobre: 1. Os motivos que levaram os participantes da pesquisa a se inscreverem no clube; 2. As percepções acerca da experiência de participar do clube; e 3. Os significados atribuídos à participação em um clube de leitura durante a pandemia da Covid-19.

No que tange às motivações para participação no *Hogwarts, Mil Histórias*, a afetividade para com os livros de *Harry Potter* mostrou ter sido um consenso

entre todos os quatorze participantes dos grupos de discussão. Afirmações como: “Quando eu vi que teria um clube de leitura de Harry Potter, eu me empolguei” (B1), “Sou muito fã de Harry Potter, ‘né’? Desde a adolescência, dos meus 15 anos” (E1), e “Eu sempre fui muito, muito, muito, apaixonada por Harry Potter” (M2) – marcam o início de todas as falas. Conforme exposto anteriormente, a popularidade dos livros de fantasia de J. K. Rowling constituiu uma das razões para a escolha de trabalhá-los em um clube de leitura num momento de adversidade. Esperava-se que o título *Harry Potter* atraísse um número considerável de participantes, como de fato aconteceu. Dessa forma, não surpreende que os dados apontem a possibilidade de que, a maior parte dos integrantes do *Hogwarts, Mil Histórias*, já eram conhecedores dos livros e/ou filmes da saga.

Ainda sobre as motivações, outras duas apontadas em um maior número de depoimentos (quatro cada), foram: o interesse em participar de alguma atividade literária (indicado por C1, D1, FI e G1) e o interesse pela abordagem que seria trabalhada no clube (I2, J2, K2 e L2). Esta segunda é justificada na fala dos participantes da pesquisa a partir do conhecimento prévio que tinham dos trabalhos, com literatura e clubes de leitura que já vinham sendo desenvolvidos pelos criadores do *Hogwarts, Mil Histórias*. Em seguida, os motivos mais apontados (cada um presente em três depoimentos) foram: o de retomada do hábito da leitura (apontado por B1, J2 e L2) e o de interesses profissionais. Presente nas falas de E1, H2 e N2, interesses profissionais correspondem ao intuito de participantes adquirirem novos conhecimentos no clube, que poderiam ser replicados em suas atuações em sala de aula e/ou utilizados em atuais ou futuras pesquisas de pós-graduação. Por fim, a sexta motivação (presente em apenas dois depoimentos) foi a oportunidade para a criação de novas sociabilidades (indicado por A1 e M2).

Um dos objetivos com a criação do clube, conforme apontado na introdução do artigo, foi o enfrentamento das atribuições causadas pelo isolamento social e a

possibilidade de proporcionar sociabilidades e afetividade em rede por meio da leitura literária. A partir da análise dos dados referentes a este tópico (os motivos que levaram os participantes da pesquisa a se inscreverem no clube), verificou-se que os interesses se distinguiram daqueles dos criadores do projeto, uma vez que o tema *pandemia* não é citado em nenhum momento como motivação para entrar no clube, e a *sociabilidade* é apontada apenas pelos sujeitos A1 e M2. O termo *pandemia* só foi abordado pelos participantes no tópico de discussão seguinte, quando se discutiu a experiência de participar do *Hogwarts, Mil Histórias*.

Porém, ao indicarem interesse em participar de agrupamentos sociais relacionados a *Harry Potter*, há uma espécie de acordo tácito perante os protocolos imbricados em clubes de leitura; sendo a sociabilidade um deles. Dessa forma, a consequente interação entre os participantes para expor suas opiniões acaba por gerar, intencionalmente ou não, relações que estabelecem vínculos sociais entre os envolvidos, vínculos esses que podem ou não ser duradouros.

As discussões acerca das experiências de participação no *Hogwarts, Mil Histórias*, por sua vez, apontaram que a presença no projeto trouxe contribuições para a saúde mental de ao menos três participantes da pesquisa (H2, M2 e N2). A participante H2 afirmou que estava “sofrendo de ansiedade generalizada” desde o início do período pandêmico e que o clube acabou se tornando “um apoio” devido à oportunidade oferecida para que se sentisse “acolhida”. N2 confessou que os encontros do clube lhe trouxeram uma “sensação de salvação” e possibilitou que ela se abrisse em um momento crítico como o da pandemia: “Eu contei coisas no Clube que eu não contei para a minha psiquiatra, por exemplo [...] foi um bálsamo, foi um alento e foi uma salvação”. Enquanto que M2 destacou: “Deu um apoio emocional gigantesco, ajudou bastante nos momentos mais difíceis [...]”.

Ainda que relevantes as menções ao auxílio psicológico durante a pandemia da Covid-19, elas não foram as contribuições mais citadas pelos participantes da pesquisa. Em contrapartida, destacaram-se falas que apontam para dois

impactos diretos na vida cotidiana desses participantes: o incentivo ao hábito da leitura (apontado em seis depoimentos: A1, B1, C1, K2, L2 e N2) e o empoderamento na tomada de atitudes no âmbito pessoal e/ou profissional (presente também em seis depoimentos: F1, G2, H2, I2, J2 e N2). Dentre os participantes que indicaram o incentivo à leitura, B1 e L2 tinham comentado que um dos motivos para a entrada no clube foi justamente o interesse em retomar o hábito da leitura literária há muito perdido, o que implica que as atividades do projeto possibilitaram que essa demanda fosse atendida.

Joice Berth (2019, p. 19) argumenta que empoderar é, antes de tudo, pensar em caminhos de reconstrução e de rompimento com o que está posto. Partindo dessa conceituação, entende-se que o projeto proporcionou empoderamento no âmbito profissional e/ou pessoal de seis participantes da pesquisa quando eles afirmam que: “As discussões feitas nos encontros possibilitaram que tivessem ideias para a escrita da redação do ENEM que fugiam do senso comum” (F1); “Os conhecimentos adquiridos deram segurança para trabalhar com os livros de *Harry Potter* na sala de aula do ensino básico” (G2); “Proporcionou confiança para encarar um novo trabalho que, devido ao *lockdown*, precisava ser feito no formato remoto. Participando do clube, mesmo sem discutir nem nada, eu fui ganhando, assim... ganhando confiança, ‘né’? Então, ele ajudou nesse ponto” (I2); “Deu confiança para finalmente ler os livros de Rowling em sua língua original, o inglês” (H2); “Auxiliou a combater a fobia social com que vinha lidando” (N2); e, proporcionou o estabelecimento de autocuidados, como apontado por J2: “Eu acho que a experiência de entrar para o Clube foi muito interessante, que foi o momento de me dar o direito de ter um tempo para mim. Eu me dei o direito de ter uma tarde de sábado por mês sem as minhas crianças, fazendo uma coisa que eu gosto e que me deixa feliz. [...] Foi um autocuidado muito necessário me dar essas tardes de sábado”.

Dessa forma, verificou-se que a experiência de participação no clube de leitura impactou, de distintas formas, grande parte dos participantes da pesquisa. O afeto, como definido por Wallon (1954, p. 293), no contexto analisado, é

estabelecido por relações que vão além da emoção corriqueira em *fandoms*, atravessando instrumentos de sobrevivência inerente ao ser humano e, no contexto analisado, possui relação (não exclusiva) com o controle da ansiedade causada pela pandemia.

Quanto aos significados atribuídos à participação em um clube de leitura durante a pandemia da Covid-19 pelos participantes da pesquisa, três foram os identificados: refúgio (que esteve presente em três depoimentos: B1, E1 e G2); pertencimento (também presente em três depoimentos: A1, J2 e L2); e sociabilidades (em sete depoimentos: C1, D1, E1, F1, G2, K2 e H2). Com relação ao significado de refúgio, na fala de E1, ele aparece atrelado às questões de saúde mental, observável por meio da afirmação: “Participar do Clube durante a pandemia foi uma válvula de escape para mim, ‘né’? Eu estava bem estressada, preocupada e acabou me ajudando muito nesse sentido”. Enquanto que nas falas de B1 e G2, ele encontra-se conectado ao sentido de sociabilidade, como nos momentos em que comentam: “No período pandêmico foi a sensação, tipo, não estou sozinho, existem outras pessoas [...] ter esse contato humano foi um alívio” (B1); e, “Estávamos fechados em casa, sem socializar, ‘né’? Nosso contato era com a família, com as pessoas da nossa casa... então [o clube] era uma válvula de escape, era o momento de conversar, era o momento de ouvir” (G2).

O sentido de pertencimento, que aparece em dois depoimentos, está relacionado ao sentimento de fazer parte de uma comunidade de fãs. Nesse caso, de estar junto, por meio virtual, de outras pessoas que compartilham do mesmo desejo e interesse pelas obras de *Harry Potter* (A1 e L2). Já a pessoa identificada como J2 apontou o sentimento de pertencimento à nacionalidade brasileira. Durante a execução da primeira temporada do projeto ela estava morando, junto de sua família, nos Estados Unidos, e o clube foi uma oportunidade para que encontrasse seus compatriotas e conversasse em sua língua materna: “Tem um sentimento de pertencimento, de ser brasileiro, assim, de falar português, sim, de conseguir se expressar em português, que é muito gostoso de ‘tá’ *online*, ‘né’? Então, assim, nesse momento, eu estando *online* e em português, trouxe um acalanto”.

Por fim, no âmbito das sociabilidades, sete depoimentos destacaram a importância dos encontros do clube para a criação de novas amizades e laços sociais, assim como o conhecimento e o contato com pessoas de outras faixas etárias e áreas de formação. H2, por exemplo, destacou que dentre as amizades surgidas a partir do clube, esteve com G2, com quem descobriu compartilhar o mesmo bairro: “O clube fez ‘eu’ conhecer gente e não tem uma coisa que eu goste mais que conhecer gente, eu amo conhecer gente! E eu conheci gente que mora, tipo, no meu bairro, como a G2 e eu não sabia, eu nunca cruzei com ela antes do clube, sabe?!”. Chamou a atenção, também, a presença de depoimentos que demonstram que, ao menos dois participantes da pesquisa (K2 e G2), provavelmente não teriam participado do projeto caso ele não tivesse ocorrido durante a pandemia da Covid-19. Ao mesmo tempo, ambos destacaram o quão importante foi participar durante o momento de adversidade que todos estavam vivenciando: “No terceiro ou quarto encontro, a sensação era que já são pessoas que eu já conhecia há muito tempo, e já sentava na sala da minha casa e a gente ‘tava’ conversando na sala de casa, tomando um suco, um chá e conversando sobre o livro que tinha acabado de ler” (G2).

A partir das conjunturas apresentadas, as relações analisadas reforçam o contexto de *bios* midiático, proposto por Sodré (2002, p. 21) e apresentado anteriormente. Diante da integração dos participantes da pesquisa, a ambiência virtual oportunizou a troca de saberes em um contexto que os leitores transitaram entre o “dentro e o fora” do espaço midiático. Mesmo tratando-se de uma esfera abstrata, atravessou as atividades cotidianas e, no momento específico ao qual estavam inseridos, funcionou como um eixo para as relações sociais e suas subjetividades.

A comunidade afetiva, atravessada por impulsos digitais e em formato de clube de leitura, suscitou o entrelaçamento do virtual e do concreto/não virtual, como destacado, por exemplo, na fala de G2, anteriormente citada. Além disso, as interações sustentaram-se por processos mediados a partir de temáticas relacionadas a contextos socioculturais entrelaçados com as narrativas literárias debatidas.

Considerações finais

Este artigo teve como foco o entendimento das experiências de leitores que interagiram no ambiente conversacional de rede em um momento de vulnerabilidade coletiva. A partir da análise dos dados, verificou-se que o conjunto de obras literárias discutidas, bem como as atividades do clube de leitura, configuraram-se como um refúgio, não exclusivamente do momento pandêmico, mas de tensionamentos pessoais de diversos motivos, expostos durante os encontros. Além disso, a busca por pontos de contato em comum, característica em atividades que envolvem *fandoms*, de uma forma geral, esteve presente como uma forma de pertencimento e, ao mesmo tempo, de individualidade através de suas expressões pessoais sobre as temáticas introduzidas.

Dessa forma, entende-se que o clube, inserido na esfera do *bios* midiático, não representou exclusivamente uma maneira de superar o momento de adversidade, mas afetou os participantes de distintas formas, atravessando atividades cotidianas e melhorando condições psicológicas. Logo, não curou (obviamente) os males surgidos ou intensificados com a pandemia da Covid-19, mas forneceu mecanismos, a partir de mediações, de enfrentamento para ao menos três participantes da pesquisa, além de impactar a vida cotidiana dos envolvidos no âmbito individual ou nos relacionamentos coletivos.

Referências

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1979.

BARROS, Laan Mendes. Recepção, mediação e midiatização: conexões entre teorias europeias e latinoamericanas. In: MATTOS, Maria Ângela; JANOTTI JUNIOR, Jeder; JACKS, Nilda (Org.). *Mediação & midiatização*. Salvador: EDUFBA, 2012. p. 79-105.

BAUER, Martin. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In: BAUER, Martin; GASKELL, George (Org.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. 7ª ed. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 189-217.

BERTH, Joice. *Empoderamento*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen Livros, 2019.

CASTRO-DE-ARAÚJO, Luís Fernando; STRINA, Agostino; GRASSI, Maria Fernanda Rios; TEIXEIRA, Maria Glória. Aspectos clínicos e terapêuticos da infecção da COVID-19. *Rede CoVida. Ciência, Informação e Solidariedade*. Salvador: FIOCRUZ/CIDACS, 2020. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/40662>. Acesso em: 04 jul. 2024.

COSTA, Cristina. *Ficção, comunicação e mídias*. São Paulo: Senac, 2001.

FLORÊNCIO, Felipe Jalison Souza Oliveira. *Depois de todo esse tempo? Sempre: um estudo de interações e experiências estéticas de fãs brasileiros e belgas da saga Harry Potter*. 2018. Dissertação (Mestrado em Comunicação, Cultura e Amazônia) – Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2018. Disponível em: <http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/11454>. Acesso em: 18 mar. 2023.

FORSÉ, Michel. La sociabilité. *Economie et Statistique*, Paris, n. 132, p. 39-48, Abril 1981. Disponível em: http://www.persee.fr/doc/estat_0336-1454_1981_num_132_1_4476. Acesso em: 18 mar. 2023.

FRANCISCO, Beatriz Masson. *Leitores e leituras de Harry Potter*. 2019. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária e Literatura Comparada) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8151/tde-19112019-171247/pt-br.php>. Acesso em: 18 mar. 2023.

GALLIAN, Dante. *A Literatura como remédio: os clássicos e a saúde da alma*. São Paulo: Martin Claret, 2017.

GARDNER, Sarah. Reading, Sociability, and Warfare. In: DIFFLEY, Kathleen; HUTCHISON, Coleman (Org). *The Cambridge Companion to the Literature of the American Civil War and Reconstruction*. Cambridge: Cambridge University Press, 2022. p. 29-42.

GOMES, Romeu. Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa. In: MINAYO, Maria Célia de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 2016. p. 72-95.

HIRATA, Gisele. O feitiço perdura. *Revista Mundo Estranho*, p. 16-25, jun. 2017.

HJARVARD, Stig. *A midiatização da cultura e da sociedade*. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2014.

JOHNS, Adrian. *The Nature of the Book: Print and Knowledge in the Making*. Chicago: The University of Chicago Press, 1998.

LEÃO, Maria Thereza dos Anjos Carneiro. *Identidade e fandom: análise de práticas sociais de fãs de Harry Potter*. 2019. Dissertação (Mestrado em Consumo, Cotidiano e Desenvolvimento Social) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2019. Disponível em: <http://www.tede2.ufrpe.br:8080/tede2/handle/tede2/8278>. Acesso em: 18 mar. 2023.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo. Mediação e recepção: algumas conexões teóricas e metodológicas nos estudos latino-americanos de comunicação. *Matrizes*, v. 8, n. 1, p. 65-80, jan./jun. 2014. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/82931> Acesso em: 17 mar. 2023.

LUO, Peihao; LAPALME, Matthew; CIPRIANO, Christina; BRACKETT, Marc. The Association Between Sociability and Covid-19 Pandemic Stress. *Sec. Personality and Social Psychology*, v. 13, 2022. Disponível em: <https://www.frontiersin.org/articles/10.3389/fpsyg.2022.828076/full>. Acesso em: 18 mar. 2023.

MANGUEL, Alberto. *The City of Words*. Canada: House of Anansi Press, 2007.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2006.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Comunicação e mediações culturais, *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, São Paulo: Intercom, v. XXIII, n. 1, p. 151-163, 2000. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/view/2010/1788>. Acesso em: 17 mar. 2023.

MARTINS, Pedro. J. K. Rowling foi a escritora mais vendida do ano mesmo acusada de transfobia. *Folha de S. Paulo*, 14 de julho de 2021. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2021/07/jk-rowling-foi-a-escritora-mais-vendida-do-ano-mesmo-acusada-de-transfobia.shtml>. Acesso em: 18 mar. 2023.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Trabalho de campo: contexto de observação, interação e descoberta. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 2016. p. 56-71.

ONG, Walter. *Oralidade e cultura escrita: a tecnologização da palavra*. Campinas: Papirus, 1998.

PETIT, Michèle. *A arte de ler. Ou como resistir à adversidade*. São Paulo: Editora 34, 2010.

PRICE, Leah. *What we talk about when we talk about books*. New York: Basic Books, 2019.

RIVIÈRE, Carole Anne. La spécificité française de la construction sociologique du concept de sociabilité. *Réseaux: Communication, Technologie, Société*, Paris, v. 123, n. 1, p. 207-231, 2004. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-reseaux1-2004-1-page-207.htm>. Acesso em: 18 mar. 2023.

SODRÉ, Muniz. *Antropologia do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede*. 2a ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

SODRÉ, Muniz. *As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política*. Petrópolis: Vozes, 2006.

SUTTON-RAMSPECK, Beth. *Harry Potter and Resistance*. NY: Routledge, 2023.

VEZZALI, Loris; STATHI, Sofia; GIOVANNINI, Dino; CAPOZZA, Dora; TRIFILETTI, Elena. The greatest magic of Harry Potter: Reducing prejudice. *Journal of Applied Social Psychology*, 45, p. 105-121, 2015.

WALLON, Henri. Les milieux, les groupes et la psychogenèse de L'enfant. *Enfance*, Paris, v. 4, n. 3, p. 287-296, mai/oct. 1954. Disponível em: <https://>

www.persee.fr/doc/enfan_0013-7545_1959_num_12_3_1444. Acesso em: 04 jul. 2024.

WELLER, Wivian. Grupos de discussão: aportes teóricos e metodológicos. In: WELLER, Wivian; PFAFF, Nicolle. *Metodologia da pesquisa qualitativa em educação*. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 54-66.

Recebido em: 13 de julho de 2023

Aprovado em: 07 de maio de 2024